



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

de Mattos Pimenta Parente, Maria Alice; Stefen Holderbaum, Candice; Virbel, Jacques; Nespoulous,
Jean Luc

A Relação Pergunta-resposta como Preditor do Reconto de Histórias
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 18, núm. 2, maio-agosto, 2005, pp. 267-276
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18818215>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A Relação Pergunta-resposta como Preditor do Reconto de História

Maria Alice de Mattos Pimenta Parente¹

Candice Stefen Holderbaum

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Jacques Virbel

Université Paul Sabatier, Toulouse, França

Jean-Luc Nespoulous

Université de Toulouse-Le Mirail, Toulouse, França

Resumo

Esse estudo teve como objetivo verificar duas hipóteses da teoria de questionabilidade textual de Virbel: 1) o reconto de uma história é semelhante ao texto de pergunta-resposta do autor; e, 2) a semelhança entre o reconto e força de questionabilidade da frase varia em função do grau de consistência da frase no texto. Um primeiro comparou o reconto de 53 participantes com a força de questionabilidade das frases do texto. Os resultados mostraram correlações significativas entre as duas variáveis de estudo. Um segundo experimento analisou o reconto de 141 participantes com duas versões da história, que variaram quanto ao grau de consistência. Foram encontradas correlações significativas entre o reconto e a força de questionabilidade da frase em ambas as versões. Os resultados dos 2 experimentos vão ao encontro da teoria de questionabilidade que propõe que para reconstruir uma história o ouvinte/leitor segue uma rede hierárquica que organiza as unidades significativas da história com base na força de questionabilidade.

Palavras-chave: Compreensão textual; elaboração de perguntas; psicolinguística; coerência.

Question-asking Organization

Abstract

This study aimed to verify two hypotheses of the text questionability theory (Virbel): 1) the recall is similar to the text of question-answer of the author; and 2) the similarity between the recall and the questionability force will be in function of the text coherence. A first experiment compared the recall of 53 subjects with the questionability force of the elementary sentences. Significant correlations were found between the two variables. A second experiment analyzed the recall of 141 subjects in 2 versions of the text, which varied according to the degree of consistency. Correlations were found only in the version with higher degree of coherence. The results of the 2 experiments were in accordance with the questionability theory in that, in order to understand and to reconstruct a story the listener/reader follows a hierarchical network, which organizes the unities of meaning based on their questionability force.

Keywords: Textual comprehension; question asking; psycholinguistics; coherence.

Todo o professor sabe da importância do aluno ser capaz de elaborar boas perguntas, assim como qualquer palestrante fica muito frustrado quando, após sua fala, não surgem perguntas. É do senso comum, também, que uma boa pergunta indica que o interlocutor que compreendeu o que foi narrado. Esses fatos do cotidiano justificam a importância de incorporar ao estudo da narrativa a forma como o ouvinte/leitor elabora boas perguntas. Esse trabalho tem por objetivo verificar uma teoria denominada Teoria da Questionabilidade Textual que postula que todo o texto possui uma estrutura de relações pergunta/resposta para

que dependem do conhecimento prévio do ouvinte. As proposições que têm maior número de perguntas recebem maior grau de ativação, enquanto as que recebem um baixo grau de ativação. A hipótese é que a probabilidade de reconto (Kintsch, 1974) é diretamente proporcional à força de questionabilidade da frase.

Durante a compreensão textual, o ouvinte não se restringe apenas às frases isoladas, mas às seqüências da narrativa. É preciso, portanto, que o ouvinte, autor, na maioria das vezes, manifeste a intenção de ser escolhido. Como várias versões de uma história podem ser

Vários autores sugeriram que um mecanismo de pergunta/resposta pode ser uma estratégia para relacionar a informação nova, dada pela superfície textual, com estruturas do conhecimento (Graesser, McMahan & Johnson, 1994; Graesser & Murachver, 1985; Olson, Duffy & Mack, 1985). Salientam a necessidade de incorporar uma teoria sobre a forma de fazer perguntas à teoria geral do texto, uma vez que: 1) a realização de perguntas enriquece as relações entre as unidades significativas do texto, que não ficam restritas aos objetivos e sub-objetivos, ou a causas e conseqüências (as perguntas PORQUE?), mas também possibilitam uma grande variedade de relações entre unidades do texto, como QUANDO?, COMO? etc.; e, 2) as relações estabelecidas pelas perguntas que conectam as idéias e eventos de uma história podem explicar os diferentes estilos do texto que uma história pode ser contada (Virbel, 1996).

Graesser e colaboradores (1994) desenvolveram um modelo a fim de identificar os mecanismos psicológicos subjacentes ao perguntar e responder. O principal objetivo das pesquisas desses autores foi verificar como os indivíduos são capazes de elaborar uma boa resposta para uma pergunta específica, a partir do que compreenderam de um texto. Em outras palavras, como as pessoas extraem de um texto uma informação entre uma dúzia ou uma centena de unidades significativas que dá origem para a boa resposta a pergunta postulada. Assim, seus trabalhos focalizaram a ação de perguntar/responder realizada *após a decodificação do texto* (Graesser & cols., 1994; Singer, 1984, 1986).

Entretanto, Virbel (1996) e Chali (1996, 1997) propuseram que a atividade de perguntar está *diretamente* envolvida na construção da estrutura textual. Eles desenvolveram a noção de *questionabilidade textual*, baseada na lógica de questões, denominada lógica erotética (Harrah, 1984). A lógica erotética considera a diferença entre interrogativa e a questão. Apesar das interrogativas serem um determinado tipo de frase, as questões podem ser expressas por sentenças declarativas ou imperativas. De mesmo modo, os teóricos de lógica erotética consideram que as respostas são um subgrupo de réplica, onde a réplica é qualquer resposta verbal a uma pergunta e a resposta é a réplica apropriada do ponto de vista da pessoa que postulou a pergunta (Materna, 1981). Nesta perspectiva, os estudos do grupo de Graesser focalizaram a interrogativa, enquanto que a *questionabilidade textual* está relacionada com questões.

A teoria de *questionabilidade textual* propõe que o texto, como um todo, tem um único significado, apesar de ser formado por

Um texto pode ser visto como uma resposta elaborada por si mesmo, de forma implícita e/ou explícita. Além disso, possui um número limitado de questões que se relacionam com as unidades significativas em forma de rede na qual a importância significativa do texto dependerá das questões que se relacionam com o suporte; e, 2) cada unidade significativa responde a uma questão por outras unidades do texto. Assim, cada texto possui uma estrutura esquemática de representação de perguntas e respostas.

O número de conexões de tipo pergunta/resposta entre uma unidade significativa estabelece com as demais unidades do texto. Cada unidade recebe o nome de *força de questionabilidade*. Em outras palavras, a força de questionabilidade corresponde ao número de unidades que se relacionam com cada frase elementar (ou unidade significativa do texto). Graesser (1969) pode servir como resposta a outras frases elementares. O número de perguntas que ela pode fazer tendo em vista a sentença do texto. Desta forma, é possível prever o número de questões levantadas e respondidas pelo texto. A área de diálogo entre o autor e aquele que busca compreender determinado texto. Neste, algumas frases elementares se relacionam apenas uma outra, ou a nenhuma frase elementar. Outras frases elementares podem referir-se a várias frases elementares. Assim, as relações pode-se estabelecer uma hierarquia entre as unidades do texto segundo a *força de questionabilidade* de cada unidade. De acordo com a Teoria da Questionabilidade Textual, a rede interconectada será mais relevante para o leitor que a questão/resposta.

É importante salientar que a estrutura de questionabilidade frequentemente não se encontra na superfície textual (ou frases lidas ou ouvidas). Ao contrário, ela depende das intenções do autor e podem (ou não) ser percebidas pelo leitor através de mecanismos intencionais. Desse modo, a TQ encontra-se nas relações psicolinguísticas que compreende uma narrativa.

Chega-se, então, ao postulado central da Teoria da Questionabilidade Textual. Se as unidades significativas se organizam em forma de rede hierárquica e as relações entre essas unidades pode ser previsto pela força de questionabilidade de cada frase elementar, então, as frases elementares que possuem uma força de questionabilidade deverão manter-se em mente durante o processo de compreensão e, portanto, ter uma maior probabilidade de serem recordadas.

enquanto que, normalmente, durante a decodificação de uma história, o estabelecimento de relações pergunta/resposta deve ocorrer de forma implícita. Além disso, numa situação natural, existe uma interação entre o processo de levantamento de perguntas do ouvinte (ou leitor) e a estrutura de relações de questões/resposta de uma determinada história proposta pelo autor. Sentenças iniciais podem levantar um grande número de perguntas. Entretanto, aquelas que não corresponderem aos objetivos da história e aos fatos subseqüentes serão desativadas da estrutura de base (memória) e não estarão presentes no reconto. Em outras palavras, após ouvir as frases iniciais, o ouvinte realizará “n” questões, mas apenas algumas corresponderão às frases subseqüentes. Estas últimas questões, classificadas pela teoria de questionabilidade textual como perguntas literais externas (ou seja, interfrasais), formarão o arcabouço das relações entre as frases textuais. As questões levantadas que não encontrarão eco (ou respostas) nas frases subseqüentes, serão esquecidas e não serão manifestadas no reconto.

Não existe razão para supor uma correlação positiva com todas as possibilidades de elaborar questões de uma frase como unidade isolada. Entretanto, deverá existir uma correlação entre o número de questões levantadas, ao se considerar o texto como uma unidade de significado.

Assim, a hipótese da Teoria da Questionabilidade Textual é que o reconto irá ser similar à organização de questões/respostas do autor, que se refere às perguntas literais externas e refletem o significado do texto como uma unidade significativa. Na Teoria da Questionabilidade Textual, a organização de questões perguntas do autor é a relação de questões/perguntas das frases elementares que dão suporte a uma determinada versão da história. Como um reconto não é uma mera reprodução, mas uma seleção dos tópicos mais importantes, com possibilidades de inferências dentro do sentido de questões resposta, o reconto deverá se correlacionar com a força de questionabilidade.

Entretanto, a Teoria da Questionabilidade Textual prevê uma limitação quanto à evidência empírica de correlação entre a força de questionabilidade das frases do texto ouvido e a probabilidade de recordação pelo ouvinte/leitor. Quando as intenções do falante/autor não forem claras, o ouvinte elaborará mentalmente um grande número de questões, mas essas questões estarão relacionadas a outros tipos de informações para suprir a falta de relações significativas literais. De acordo com a Teoria da Questionabilidade Textual, essas questões

cada frase do texto ocorrerá apenas aquelas unidades significativas tiverem sido mencionadas. Para verificar esse pressuposto, um experimento foi realizado para comprovar a teoria de questionabilidade textual do primeiro pressuposto, criando dois textos para serem utilizados no Experimento 1. Apesar de ambos terem o mesmo significado essencial (macroestrutura), o primeiro é mais evidente, por possuir detalhes que reforçam a macroestrutura. Na outra história, os detalhes são marginalizados ao significado global do texto, exigindo o maior esforço do ouvinte para organizar o texto.

Neste trabalho também foi analisado o efeito das características demográficas da população sobre a resposta textual na TQ.

Método

Experimento 1 Participantes

Participaram desse experimento 30 sujeitos, com idades entre 18 e 80 anos. A amostra foi recolhida por meio de uma lista de pessoas com dificuldades auditivas, de leitura ou a escuta da história. Todos os participantes preencheram um questionário de antecedentes médicos e relataram problemas neurológicos e psicológicos.

Vinte e dois participantes tinham entre 20 e 60 anos (jovens). Trinta e dois tinham entre 61 e 80 anos de escolarização (escolarização baixa) e entre 4 e 7 anos (escolarização baixa) (modalidade leitura) e depois recontaram a história (modalidade oral) e depois recontaram a história (modalidade escrita) após o termo de consentimento e a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Material

Foi construída uma história sobre um homem que ficou preso no telhado e foi salvo por um helicóptero (ver Anexo A). Essa história era contada em três versões (apresentação, desenvolvimento e conclusão) e consistia em 57 frases elementares de acordo com a Teoria da Questionabilidade Textual.

Tabela 1

Relações Pergunta/ resposta de cada tipo de Questão, Força de Questionabilidade Contada pelas Relações de Saída, de Entrada e Totais de ca

		<i>motivo</i>	<i>finalidade</i>	<i>Como</i>	<i>Quando</i>	<i>Onde</i>
01	um homem era velho	5 6		2	26	8
02	este homem era ranzinza	1 3 4 7	16			
03	o homem vivia sozinho	1 2 7			4	8
04	há muito tempo o homem vivia sozinho	1 2 7			6	
05	o homem ia fazer 74 anos	1				8
06	em dezembro o homem ia fazer 74 anos	1 2 3 4 5 6				
07	o homem não suportava crianças					
08	o homem morava numa casa			3 - 9		20
09	um jardim rodeava esta casa			11		
10	N cuidava do jardim			11		
11	este jardim era bem cuidado		12			
12	o homem gostava de “11”					
13	a casa tinha uma entrada					
14	o homem tinha uma vara na porta desta entrada	16	16			
15	esta vara era feita de bambu	16				
16	o homem ameaçava as crianças com esta vara	2 7 17				
17	estas crianças eram barulhentas	18 19				18
18	as crianças moravam em um prédio			19		
19	este prédio era do tipo BNH					
20	A casa era vizinha ao prédio			19		
21	os pardais tinham feito um ninho					
22	o homem ia destruir este ninho	21			26 (adv)	
23	a casa tinha um telhado					
24	o telhado tinha uma altura de 3,5 metros					
25	o homem ficou preso no telhado	21 22 28 32 33			22 26 27 33	
26	numa terça-feira o homem ficou preso no telhado	21 22 28 32 33 31			26	
27	o homem queria descer do telhado por uma escada	22		2830	22 26	
28	muito rápido, (27)	22			26	
29	o sobrado possuía uma parede				26	
30	esta escada era de alumínio				26	
31	o homem tinha colocado esta escada contra a parede	21		32	26	
32	(31) estava mal equilibrada	30	33		26	
33	o homem deixou cair a escada	27 28 30 32			27 28	44 45
34	o homem pôs-se a gritar por ajuda	25 33	43	35	25	
35	com uma voz forte, o homem pôs-se a gritar por ajuda	25 33			25	
36	um garoto era corajoso					
37	este garoto brincava na rua			38	25 27 33 34 35	39
38	calmamente, este garoto brincava na rua				25 27 33 34 35	
39	perto da cerca (38)				25 27 33 34 35	
40	N cercava N					
41	o garoto levantou a cabeça	34 35			34 35	
42	o garoto compreendeu a situação	25 34			34 41	
43	o garoto recolocou a escada	27 33 34 42 45			34 42	
44	a escada estava perto de uma roseira	33			33	
45	a escada estava no chão, perto de uma roseira	33			33	
46	esta aventura foi vergonhosa para N	25			25 33	

Tabela 2

Médias, Desvios-padrão, Máxima e Mínima das Diferentes Medidas da Força de Questão dos Recontos dos Participantes da Versão A

	<i>m</i>	<i>dp</i>	Máx.
<i>Força de questionabilidade</i>			
Total	5,30	05,11	22
POR QUE?	2,51	2,85	11
COMO?	0,51	0,76	04
ONDE e QUANDO?	2,04	2,85	11
<i>Reconto</i>			
Todos Idosos	26,21%	20,66	89%
Jovens	22,53%	20,27	77%
Alta escolaridade	28,77%	22,58	97%
Baixa escolaridade	24,77%	21,47	93%
Após leitura	27,70%	21,83	83%
Após escuta	22,83%	20,83	83%
	27,90%	21,79	91%

frase constituiu-se na soma das perguntas levantadas e das respostas a perguntas de outras frases. A Tabela 1 mostra as relações pergunta/resposta de cada tipo de questão, os dois escores preliminares e a força de questionabilidade de cada frase da versão A.

Procedimentos e desenho experimental

Cada participante ouviu ou leu a história e foi solicitado a contá-la lembrando-se do maior número de detalhes. O reconto foi gravado e depois transcrito. Dois juízes julgaram a presença ou a ausência de cada frase elementar em cada reconto dos participantes. Assim, para cada frase, foi contada a porcentagem de participantes que a incorporaram no discurso. Essa medida foi obtida para todos os participantes ($n=53$), assim como para os seguintes subgrupos: idosos, jovens adultos, participantes com baixa escolaridade, com alta escolaridade, aqueles submetidos à modalidade de leitura ou à modalidade oral.

Os pressupostos da Teoria da Questionabilidade Textual são correlacionais. Eles pretendem verificar se a força de questionabilidade de cada frase elementar corresponde à probabilidade de reconto dessa frase. Dessa forma foram realizadas correlações de Pearson entre a força de questionabilidade de cada frase (x) e a porcentagem de lembrança das mesmas por todos os participantes (y), assim como a porcentagem de lembrança dos sub-grupos descritos acima. Análises

que, separadamente para cada frase, a correlação significativa manteve-se: idosos ($r=0,384$; $p=0,003$), jovens ($r=0,335$; $p=0,011$), participantes com baixa escolaridade ($r=0,464$; $p<0,001$), reconto após leitura ($r=0,464$; $p<0,001$), reconto após apresentação oral ($r=0,464$; $p<0,001$). A análise de regressão mostrou que a força de questionabilidade é o melhor preditor do reconto das frases elementares.

O estudo separado dos tipos de perguntas mostrou que a pergunta POR QUE? (causal e de finalidade) foi o melhor preditor do reconto de todos os participantes ($r=0,567$; $p<0,001$), assim como o relato dos subgrupos: idosos ($r=0,567$; $p<0,001$), jovens ($r=0,567$; $p<0,001$), participantes com baixa escolaridade ($r=0,567$; $p<0,001$), participantes com alta escolaridade ($r=0,567$; $p<0,001$) e após leitura ($r=0,567$; $p<0,001$) e após escuta ($r=0,567$; $p<0,001$). Já a pergunta COMO? (modalidade) não foi significativa no relato de todos os participantes ($r=0,270$; $p=0,042$). Por fim, as perguntas ONDE e QUANDO? foram consideradas juntamente também não

de todos participantes nem nos grupos analisados separadamente, como exceção do grupo de baixa escolaridade ($r=0,294$; $p=0,026$).

Discussão

Os resultados dos recontos da Versão A mostraram, de acordo com nossa hipótese, uma correlação significativa entre a força de questionabilidade das frases e o reconto dos participantes, independentemente da idade, escolaridade e tipo de apresentação da história. Tais resultados sugerem que as relações de questão/resposta entre as diferentes frases de um texto têm relevância para o reconto dos participantes, diferentemente do que havia proposto Olson e colaboradores (1985). Em outras palavras, entre as estratégias utilizadas pelos participantes durante a interação autor/ leitor ou ouvinte, encontra-se a busca das relações de tipo pergunta/resposta. Ela ajuda o ouvinte descobrir o significado global do texto e organizar seu reconto, priorizando as idéias que têm maior conexão com as demais, e essas relações de tipo pergunta/resposta organizam o reconto.

Por outro lado, a análise do tipo de relação pergunta/resposta indicou que a correlação é nítida para as perguntas POR QUE? de causa e de finalidade. Em contrapartida, as relações pergunta/resposta COMO? ONDE? e QUANDO? não replicaram a correlação. Essa diferença entre as perguntas pode ter duas explicações. A primeira, puramente numérica, sugere que o número bem menor de relações de tipo COMO? e QUANDO/ONDE? impediu a evidência de uma possível correlação. Entretanto, os resultados dos sub-grupos mostraram que, mesmo em pouco número, a presença de relações de modo, através da pergunta COMO?, possibilitou observar diferentes estilos de reconto através do avanço da idade. Participantes com mais idade retiveram na memória e incorporaram em seu relato as relações modais entre as frases elementares, como as características do personagem (o velho vivia sozinho), do local e objetos (a escada estava mal equilibrada) ou das ações (o velho gritou com uma voz forte). Como alguns autores têm apontado, o reconto de idosos caracteriza-se pela presença de maior subjetividade e de proposições avaliativas (Adams, Smith, Nyquist & Perlmutter, 1997; Parente, 1997).

A segunda explicação do predomínio das perguntas POR QUE? decorre de uma característica intrínseca da narrativa: a seqüência de eventos requer relações de causa entre um evento antecedente e seu consequente, assim como a busca de uma finalidade que justifique o

Experimento 2

O resultado do primeiro experimento foi a confirmação da Questionabilidade Textual mostrando uma correlação significativa entre a probabilidade de reconto e a força das frases elementares, a verificação do segundo pressuposto da Teoria da Questionabilidade Textual. Este se dirige aos limites da correlação entre a força de questionabilidade: ela será mais evidente quando o ouvinte pode acompanhar claramente as intenções do autor. Isso porque a força de questionabilidade é dada pelas frases elementares externas. Quando o texto não for muito claro, o ouvinte terá que recorrer a questões não literais para organizar o reconto, com maior liberdade para escolher uma hierarquia de importância para a resposta, independentemente da que ouviu.

Para verificar essa situação optou-se por manter a mesma história da versão A, formando duas versões diferentes, mas mantendo em comum as idéias essenciais. Em uma das versões, mantendo as idéias essenciais, encontravam-se detalhes pertinentes para a história. Os detalhes pertinentes enfatizam as pistas para a seqüência futura a ser apresentada. Na outra versão, Tannen (1985, citado em Koch, 2002), para um texto seqüencial, a continuidade dos sentidos é assegurada por recursos de manutenção temática, entre os quais a recorrência de itens de um mesmo campo conceitual. A relação entre significados influi na consistência do texto, requisitos básicos para a coerência textual, sendo que a quantidade de enunciados do texto dentro de um mesmo campo dentro dos mundos representados no texto (Koch, 2002, p. 99). A segunda história possuiu a mesma estrutura básica, primeira, mas os detalhes eram não pertinentes para a história. Com isso, a coesão textual e a consistência foram comprometidas de forma que o interlocutor tinha menos pistas para a seqüência futura. Em termos de mecanismos de pergunta/resposta, a primeira teve maior probabilidade do ouvinte/leitor elaborar o reconto, não produzindo eco no desenrolar da história (as versões são apresentadas no Anexo A).

O Experimento 2 seguiu basicamente os mesmos procedimentos ou seja, é um experimento sobre o reconto de histórias, mas sua correlação com a força de questionabilidade das frases elementares. No Experimento 1, foram utilizadas duas outras histórias para a história apresentada na Versão A. Ambas versões mantiveram as idéias principais da Versão A, mas uma incluiu mais detalhes (Versão C) e a outra as detalhes

a versão D, sendo que 41 tinham mais de 60 anos e 38 entre 20 a 59 anos; 40 tinham escolaridade maior do que 8 anos e 39, entre 4 e 7 anos; e 41 recontaram a partir da escuta da história e 38, a partir de sua leitura. Todos preencheram um termo de consentimento e a pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da UFRGS.

Material

As versões C e D foram criadas a partir da análise de juízes (estudantes universitários) sobre a relevância das informações que constituíam a versão A. Esta foi distribuída para 45 estudantes universitários. Eles foram instruídos para sublinhar todos os elementos (palavras e frases) que achassem essenciais para a história e circular aqueles que eram irrelevantes. A versão D foi construída pelas proposições aceitas por mais de 50% dos participantes como contendo idéias essenciais (macroproposições, no sentido de Kintsh e van Dijk, 1978) e por aquelas que 50% ou mais dos estudantes consideraram que as proposições eram irrelevantes (detalhes irrelevantes). A versão C, por sua vez, foi construída pelas mesmas proposições consideradas como macroestrutura (ou seja, 50% ou mais dos estudantes sublinharam as frases como pertencentes às idéias relevantes), e com as proposições que menos de 50% consideraram como essenciais e as que menos de 50% consideraram como irrelevantes. Essas proposições de escore baixo em ambas categorias foram consideradas como detalhes relacionados ao significado essencial. Desta forma, na Versão C, conforme julgamento dos estudantes universitários, as proposições de tipo detalhe mantinham uma relação de sentido mais estreita com a macroestrutura, enquanto que na versão D, os detalhes expressavam significados praticamente periféricos ao enredo da história. Ambas versões possuíam 48 proposições. Para essas duas versões foram feitas as contagens de força de questionabilidade de cada frase elementar. Como mostra a Figura 2, na versão C encontrava-se um maior número de relações

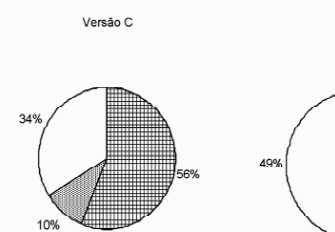


Figura 2. Proporção de relações q COMO? e QUANDO/ONDE?

POR QUE?, enquanto que na vers de relações QUANDO? e ONDE?

Resulta

Na Tabela 3 encontram-se as m mínimas das forças de question participantes das versões C e D. Ob de frases elementares bastante sem apresentava uma média bem maior As frases elementares também fo recontos da versão C do que nos da de participantes. A Figura 3 contém força de questionabilidade de ca ocorrência das mesmas no reconto Versão C, cuja correlação é signific de cada subgrupo também mo significativas: idosos ($r=0,489$; $p=0$ $p=0,008$), grupo de escolaridade alta escolaridade baixa ($r=0,422$; $p=0,010$

Tabela 3

Médias, Desvios-padrão, Máxima e Mínima das Diferentes Medidas da Força de Questionabilidade e dos Recontos dos

	<i>m(dp)</i>		<i>Máx.</i>	
	Versão C	Versão D	Versão C	Versão D
Força de questionabilidade				
Total	4,81(4,29)	3,59(3,73)	17	14

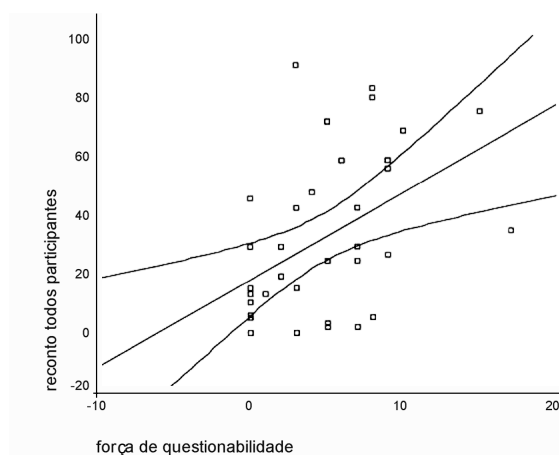


Figura 3. Correlação entre a força de questionabilidade e o reconto da Versão C por todos os participantes.

e após apresentação oral ($r=0,510$; $p=0,001$). Análise de regressão mostrou que a força de questionabilidade é um preditor para o reconto de frases elementares ($r=0,481$; $p=0,003$). No estudo de cada tipo de relação pergunta/resposta, foi encontrada em correlação ligeiramente significativa para a pergunta POR QUE, no reconto de todos os participantes ($r=0,569$; $p=0,000$) e no estudo dos subgrupos: idosos ($r=0,583$; $p=0,000$); jovens adultos ($r=0,572$; $p=0,000$); baixa escolaridade ($r=0,492$; $p=0,002$); alta escolaridade ($r=0,585$; $p=0,000$); após apresentação oral ($r=0,572$; $p=0,000$) e após leitura ($r=0,572$; $p=0,001$). As perguntas COMO? e as ONDE/QUANDO? não se correlacionaram com o reconto de todos os participantes e em nenhum dos subgrupos estudados.

Na Versão D, não foi encontrada correlação significativa ($r=0,287$; $p=0,069$). Somente alguns sub-grupos mostraram correlações fracas entre seus recontos e a força de questionabilidade: idosos ($r=0,316$; $p=0,044$), alta escolaridade ($r=0,309$; $p=0,049$) e, após leitura ($r=0,323$; $p=0,040$). Nos outros grupos (jovens adultos, baixa escolaridade e após apresentação oral), não foram encontradas correlações significativas. Quando analisado cada tipo de perguntas separadamente, observou-se uma correlação significativa com as relações pergunta/resposta POR QUE? com o reconto de todos os participantes ($r=0,536$; $p<0,001$) e com os diferentes subgrupos analisados separadamente: idosos ($r=0,565$; $p<0,001$); jovens adultos

trama da história. Desta forma, torna-se mais fácil compreender o texto seguir as intenções do autor. As informações referem-se ao significado geral do texto quando os comentários distanciam-se da finalidade da pergunta de questionabilidade total não correlacionou-se com o reconto, sugerindo que aqueles que relataram as histórias não conseguiram acompanhar a diversidade de relações de sig- nificado proposta pelo autor.

Um resultado não previsto pela teoria foi a ausência de correlação muito significativa, na Versão D, com a força de questionabilidade oferecida para a pergunta POR QUE?. Como comentado no primeiro experimento, os resultados parecem estar em concordância com a proposta de Langston (1994) de que durante a compreensão, uma estrutura narrativa é construída a partir do texto recebido. A emergência da alta correlação para a pergunta POR QUE?, na Versão D, pode estar relacionada ao exigido para compreender uma narrativa cuja estrutura é clara, em decorrência de detalhes paralelos. Assim, os participantes ativeram-se ao núcleo principal da narrativa, a trama da história. Eles não trouxeram ao seu reconto os detalhes secundários importantes para o significado principal do texto, talvez por serem mais difíceis de serem recuperados na memória. As palavras, devido à pouca ativação dos detalhes secundários, os participantes foram obrigados a reter-se às informações principais a fim de produzir um reconto plausível.

Desta forma, a alta correlação da pergunta POR QUE? com o reconto dos participantes indica que as relações de significado estão presentes na atividade de reconto, por serem necessárias à produção de um texto narrativo coeso e coerente. A ocorrência exclusiva dessa relação ao lado da ausência de correlação dos recontos com a força de questionabilidade para as questões sugere, como havia postulado a Teoria da Ativação Textual, que ao ouvir um texto com uma determinada estrutura, o indivíduo elabora uma estrutura diferente daquela solicitada quanto ao tipo de questionabilidade. Como solicitado aos participantes recontar com o maior detalhe possível no reconto, eles se ativeram aos elementos da trama da história inserindo em seu reconto aqueles elementos que se a seguir à sequência da narrativa.

que mostram as estratégias sócio-interativas de quem produz ou quem compreende um texto. Recentemente, Van Dijk (2003) propôs que, para a produção textual, o autor precisa de um dispositivo cognitivo complexo e eficaz que em milésimos de segundos analisa os conhecimentos pessoais, interpessoais e culturais prévios do interlocutor, a conveniência do que vai narrar dentro do contexto social e do tempo disponível, a compreensão do interlocutor sobre o que ele já narrou, etc. Em outras palavras, o autor está constantemente inferindo sobre a adequação contextual, entendendo o contexto como os conhecimentos prévios e adquiridos pelo interlocutor, assim como a situação da emissão. Van Dijk denominou esse mecanismo de estratégias de gerenciamento cognitivo (*strategies of knowledge management*). Tais informações são extremamente necessárias na organização textual, na seleção de comentários adicionais ou na omissão de informações redundantes.

A Teoria da Questionabilidade Textual, através das correlações encontradas entre a força de questionabilidade de os recontos dos participantes desse estudo, aponta que um processo semelhante deve ocorrer durante a compreensão de um texto. Aquele que busca compreender um texto está constantemente inferindo sobre a forma como um autor escolhe determinada versão da história. Assim, entre as estratégias de quem busca compreender uma história, encontra-se uma procura implícita das questões que a história ouvida ou lida busca responder.

Referências

- Adams, C., Smith, M. C., Nyquist, L. & Perlmutter, M. (1997). Adult age-group differences for the literal and interpretive meanings of narrative text. *Journal of Gerontology British Psychological Science Society*, 52, 187-195.
- Broek, P. Van der (1994). Comprehension and memory of narrative texts. Em M. A. Gernsbacher (Org.), *Handbook of psycholinguistic* (pp. 539-588). New York, NY: Academic Press.
- Campion, N. & Rossi, J. -P. (2001). Associative and causal constraints in the process of generating predictive inferences. *Discourse Processes*, 31, 263-291.
- Chali, Y. (1996). Représentation logico-linguistique des questions/réponses suscitées par un texte. *Recital*, 96, 25-36.
- Chali, Y. (1997). *L'expansion de texte. Une approche basée sur l'explication par questions/réponses pour la génération de versions de textes*. Tese de Doutorado não-publicada, Institut de Recherche en Informatique de Toulouse, Université Paul Sabatier. Toulouse, França.
- Fletcher, C. R. (1994). Levels of representation in memory for discourse. Em M. A. Gernsbacher (Org.), *Handbook of psycholinguistic* (pp. 589-607). New York, NY:

- Graesser, A. C., McMahan, C. L. & Johnson, J. (1985). The structure of question answering. Em M. A. Gernsbacher (Org.), *Handbook of psycholinguistic* (pp. 517-538). New York, NY: Academic Press.
- Graesser, A. C. & Murachver, T. (1985). Symmetry in question answering. Em A. C. Graesser & J. B. Black (Orgs.), *Handbook of psycholinguistic* (pp. 115-130). Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Harrah, D. (1984). The logic of questions. Em M. A. Gernsbacher (Org.), *Handbook of psycholinguistic* (Vol. II; pp. 115-130). Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Harris, Z. (1969). *Structural linguistics* (8th ed). New York: Oxford University Press.
- Kintsch, W. (1988). The role of knowledge in comprehension: A construction-integration model. *Psychological Review*, 95, 169-197.
- Kintsch, W. (1994). The psychology of discourse. Em M. A. Gernsbacher (Org.), *Handbook of psycholinguistic* (pp. 435-470). New York, NY: Academic Press.
- Koch, I. V. (2002). *O texto e a construção da compreensão*. Tese de Doutorado não-publicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Koch, I. V. & Travaglia, L. C. (2002). *A coerência e a construção da compreensão*. Tese de Doutorado não-publicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Materna, P. (1981). Question-like and non-question-like sentences. *Linguistics and Philosophy*, 4, 1-24.
- Millis, K. K. & Barker, G. P. (1996). Answering questions: A process model. *Discourse Processes*, 21, 57-84.
- Olson, G. M., Duffy, S. A. & Mack, R. L. (1994). The role of knowledge in comprehension: A construction-integration model. Em A. C. Graesser & J. B. Black (Orgs.), *Handbook of psycholinguistic* (pp. 219-226). Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Parente, M. A. M. P., Capuano, A. & Nespoulet, J. (2001). A construção da compreensão mental no recontar de histórias por idosos. *Revista de Psicologia*, 17, 172.
- Richards, E. & Singer, M. (2001). Representing the structure of narrative comprehension. *Discourse Processes*, 31, 263-291.
- Singer, M. (1984). Toward a model of question answering. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 10, 1-14.
- Singer, M. (1986). Answering Wh- questions: A process model. *Memory and Language*, 25, 238-254.
- Singer, M. (1994). Discourse inference processes. Em M. A. Gernsbacher (Org.), *Handbook of psycholinguistic* (pp. 479-500). New York, NY: Academic Press.
- Singer, M. (1996). Comprehending consistent and inconsistent narratives: A construction-integration analysis. *Discourse Processes*, 21, 57-84.
- Singer, M. & Ferreira, F. (1983). Inferring causal relations from narrative texts. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 22, 1-14.
- Singer, M. & Halldorson, M. (1996). Constructing a model of discourse comprehension inferences. *Cognitive Psychology*, 30, 1-38.
- Singer, M. & Kintsch, W. (2001). Text retrieval and comprehension. *Discourse Processes*, 31, 27-59.
- Van Dijk, T. A. (2003). Contextual knowledge and the construction of meaning. *Abstracts of the Thirteenth Annual Meeting of the European Association of Cognitive Linguistics*, p.5.
- Virbel, J. (1997). Aspects du contrôle des structures narratives. Em M. A. Gernsbacher & J. Lambert (Orgs.), *Perception auditive et compréhension* (pp. 271-280). Marseille: Solal.

Anexo A

Versão A

Um velho homem ranzinza que vivia sozinho há muito tempo e que ia fazer 74 anos em dezembro não suportava crianças. Ele morava numa casa rodeada por um jardim bem cuidado, pois era o seu lazer, e mantinha uma vara de bambu na porta de entrada, com a qual ele ameaçava as crianças barulhentas de um prédio BNH vizinho.

Um dia, numa terça-feira, quando ele estava destruindo um ninho de pardais, ele ficou preso no telhado de três metros e cinquenta de altura. Isso porque querendo descer muito rápido, ele deixou cair a escada de alumínio que havia colocado mal equilibrada contra a parede do sobrado. Como o homem pôs-se a gritar com a ajuda de uma voz forte, um garoto brincava, calmamente, com bolinha de gude na rua perto da cerca, levantou a cabeça, compreendeu a situação e recolocou a escada que estava caída no chão ao lado de uma roseira.

Depois dessa vergonhosa aventura, no domingo, ele convidou seu salvador loiro para vir ao seu jardim e, para agradecer, lhe ofereceu, sob as árvores, um lanche acompanhado de suco de maçã.

Versão C

Um velho homem ranzinza que vivia sozinho há muito tempo não suportava crianças. Ele morava numa casa rodeada por um jardim e mantinha uma vara ao alcance de sua mão, com a qual ele ameaçava as crianças barulhentas de um prédio BNH.

Um dia, quando ele estava destruindo um ninho de pardais, ele ficou preso no telhado. Isso porque querendo descer muito rápido, ele deixou cair a escada que havia colocado mal equilibrada. Como o homem pôs-se a gritar com a ajuda de uma voz forte, um garoto corajoso que brincava perto da cerca, compreendeu a situação e recolocou a escada.

Depois dessa vergonhosa aventura, ele convidou seu salvador para vir ao seu jardim e, para agradecer, lhe ofereceu um lanche.

Versão D

Um homem velho, que ia fazer setenta e quatro anos em dezembro, não suportava crianças. Ele morava numa casa rodeada por um jardim bem cuidado, pois era seu lazer, e mantinha uma vara de bambu na porta de entrada, com a qual ele ameaçava as crianças de um prédio BNH.

Um dia, numa terça-feira, ficou preso sobre o telhado de três metros e cinquenta. Isto porque, deixando cair a escada de alumínio que tinha colocado contra a parede do sobrado. Como o homem pôs-se logo a gritar, um garoto brincava, calmamente com bolinha de gude na rua, levantou a cabeça e recolocou a escada, que estava ao lado de uma roseira.

Depois, no domingo, ele convidou seu salvador, loiro, e lhe ofereceu, sob as árvores, um lanche acompanhado de suco de maçã.